



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 15 de Setembro de 1982

A doação esponsal de Cristo à Igreja

1. Temos diante de nós o texto da epístola aos Efésios 5, 22-33, que há tempos vamos analisando por causa da sua importância para o problema do matrimónio e do sacramento. No total do seu conteúdo, a começar do primeiro capítulo, a epístola trata sobretudo do mistério "*há séculos*" "*escondido em Deus*", *como dom eternamente destinado ao homem*. "Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que n'Ele nos escolheu antes da constituição do mundo, para sermos santos e imaculados diante dos seus olhos. Predestinou-nos para sermos Seus filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo, por Sua livre vontade, para fazer resplandecer a Sua maravilhosa graça, pela qual nos tornou agradáveis em Seu amado Filho" (Ef 1, 3-6).

2. Até agora fala-se do mistério escondido "de há séculos" (Ef 3, 9) em Deus. As frases sucessivas introduzem o leitor na fase de actualização daquele mistério na história do homem: o dom, destinado a ele "de há séculos" em Cristo, *torna-se parte real do homem no mesmo Cristo*: "... É n'Ele que temos a redenção, pelo Seu sangue, a remissão dos pecados, *segundo a riqueza da Sua graça*, que abundantemente derramou sobre nós, com plena sabedoria e discernimento, dando-nos a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o beneplácito que n'Ele de antemão estabelecera, para ser realizado ao completarem-se os tempos: Reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há no Céu e na Terra" (Ef 1, 7-10).

3. Assim o eterno mistério passou do estado de "escondimento em Deus" à fase de revelação e de aplicação. Cristo, no qual a humanidade esteve "havia séculos" escolhida e abençoada "com todas as bênçãos espirituais" do Pai — Cristo, destinado, segundo o eterno "desígnio" de Deus,

para que n'Ele, como no Chefe "fossem recapituladas todas as coisas, as do céu como as da terra" *na perspectiva escatológica* — *revela o eterno mistério e actua-o* entre os homens. Por isso o Autor da epístola aos Efésios, no seguimento da epístola mesma, exorta aqueles a quem chegou esta revelação, e todos os que a aceitaram na fé, a modelarem a sua vida no espírito da verdade conhecida. A mesma coisa exorta de modo particular os cônjuges cristãos, maridos e mulheres.

4. Pela maior parte do contexto, a carta torna-se instrução, ou seja *parenese*. O Autor parece falar sobretudo dos aspectos morais da vocação dos cristãos, fazendo todavia continua referência ao *mistério, que já opera neles* em virtude da redenção de Cristo — e opera com eficácia sobretudo em virtude do baptismo. Escreve na verdade: "Foi n'Ele que vós também, depois de terdes ouvido a Palavra da verdade — o Evangelho da vossa salvação, no qual acreditastes — fostes marcados com o selo do Espírito Santo, que tinha sido prometido" (*Ef 1, 13*). Assim portanto os *aspectos morais* da vocação cristã mantêm-se ligados não só com a revelação do eterno mistério divino em Cristo e com a aceitação dele na fé, mas também com a ordem sacramental, que, embora não se colocando no primeiro plano em toda a letra, parece todavia estar-vos presente de modo discreto. Aliás, não pode ser diversamente, dado que o Apóstolo escreve aos cristãos que, mediante o baptismo, se tinham tornado membros da comunidade eclesial. Deste ponto de vista, o trecho da epístola aos Efésios cap. 5, 22-23, até agora analisado, parece ter importância particular. Lança, de facto, luz extraordinária sobre a essencial relação do mistério com o sacramento e especialmente sobre a sacramentalidade do matrimónio.

5. *No centro do mistério está Cristo. N'Ele* — precisamente n'Ele — a humanidade foi eternamente abençoada "com toda a bênção espiritual". N'Ele — em Cristo — a humanidade foi escolhida "antes da criação do mundo", escolhida "na caridade" e predestinada para a adoração de filhos. Quando, em seguida, com a "plenitude dos tempos", este eterno mistério foi realizado no tempo, isto é actuado também n'Ele e por Ele; em Cristo e por Cristo. Por meio de Cristo é revelado o mistério do Amor divino. Por Ele e n'Ele, completa-se: n'Ele "temos a redenção mediante o Seu sangue, a remissão dos pecados..." (*Ef 1, 7*). De tal modo os homens que aceitam mediante a fé o dom que lhes é oferecido em Cristo, tornam-se realmente participantes do eterno mistério, embora este opere neles sob os véus da fé. Este sobrenatural *conferimento dos frutos da redenção operada por Cristo* adquire, segundo a epístola aos Efésios 5, 22-33, o carácter de um dar-se esponsal do próprio Cristo a Igreja à semelhança da relação esponsal entre o marido e a mulher. Portanto não só os frutos da redenção constituem dom, mas é-o sobretudo Cristo: Ele dá-se a Si mesmo à Igreja, como à Sua esposa.

6. Devemos fazer a pergunta se neste ponto tal *analogia não nos consente penetrar mais profundamente* e com maior precisão no *conteúdo essencial do mistério*. Devemos fazer-nos tal pergunta, tanto mais que aquela "clássica" passagem da epístola aos Efésios (5, 22-33) não surge em abstracto e isolada, mas constitui uma continuidade, em certo sentido um *seguimento dos enunciados do Antigo Testamento*, que apresentavam o amor de Deus-Javé para com o

povo-Israel por Ele escolhido segundo a mesma analogia. Trata-se, em primeiro lugar, dos textos dos Profetas que nos seus discursos introduziram a semelhança do amor esposal para caracterizar de modo particular o amor que Javé nutre para com Israel, o amor que da parte do povo eleito não encontra compreensão e correspondência; pelo contrário, encontra infidelidade e traição. A expressão de infidelidade e traição foi, primeiro que tudo, a idolatria, culto prestado aos deuses estrangeiros.

7. Para dizer a verdade, na maior parte dos casos tratava-se de pôr em realce de modo dramático precisamente aquela traição e aquela infidelidade denominadas "adultério" de Israel; *todavia, na base de todos estes enunciados dos Profetas* está a explícita convicção de o amor de Javé para com o povo eleito poder e dever comparar-se ao amor que une o esposo com a esposa, o amor que deve unir os cônjuges. Conviria aqui citar numerosas passagens dos textos de Isaías, Oséias, Ezequiel (alguns deles foram já aduzidos precedentemente quando foi analisado o conceito de "adultério" até ao fundo das palavras pronunciadas por Cristo no Sermão da Montanha). Não se pode esquecer que ao património do Antigo Testamento pertence também o "Cântico dos Cânticos" em que a imagem do amor esposal foi descrita — é verdade — sem a analogia típica dos textos proféticos, que apresentavam naquele amor a imagem de Javé para com Israel, mas também sem aquele elemento negativo que nos outros textos constitui o motivo de "adultério" ou seja de infidelidade. Assim pois *a analogia do esposo e da esposa*, que permitiu ao Autor da epístola aos Efésios definir a relação de Cristo com a Igreja, possui rica tradição nos livros da Antiga Aliança. Analisando esta analogia no "clássico" texto da epístola aos Efésios, não podemos deixar de referir-nos àquela tradição.

8. Para explicar essa tradição limitar-nos-emos por agora a citar um trecho do texto de Isaías. O profeta diz: "Não temas, porque não serás confundida; não te envergonhes, porque não serás afrontada. Esquecer-te-ás da vileza da tua mocidade, e não te lembrarás mais do opróbrio da tua viuvez. Com efeito, o teu esposo é o teu Criador, que se chama o Senhor dos exércitos; o teu Redentor é o Santo de Israel, chama-se o Deus de toda a terra. Sim o Senhor te chamou como uma mulher abandonada e angustiada. Pode-se repudiar uma mulher desposada na juventude? — diz o Senhor teu Deus Por uma hora, por um momento Eu te abandonei, mas, no Meu grande amor, volto a chamar-te. (...) Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o Meu amor jamais se apartará de ti, e a Minha aliança de paz não se mudará, diz o Senhor, compadecido de ti" (*Is 54, 4-7, 10*).

Durante o nosso próximo encontro começaremos a análise do texto citado de Isaías.

Oração à Rainha da Polónia / 32

1. *Stabat Mater...*

Hoje festeja-se a comemoração da Mãe, que estava junto da cruz do Filho, *Mãe das Dores*.

Junto da cruz de Cristo, está também a Mãe de Jasna Góra, uma espada trespassa a sua alma (cf. *Lc 2, 35*).

Ela, abraçando com a sua alma este Filho único. Crucificado, *abraça todos* aqueles que participam da cruz.

Abraça todos nós. Está junto de cada cruz do homem na nossa terra natal.

Estas cruces são muitas.

2. O Filho de Maria, que morre na cruz, *deu testemunho de si mesmo*: "Para isto nasci, e para isto vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (*Jo 18, 37*).

Quando perguntamos porque morre na cruz, é preciso responder que "o testemunho da verdade" é a única "culpa" que Ele confessou.

E por isso a cruz, *a humilhação e o despojamento* do homem são ao mesmo tempo — em Jesus Cristo — a sua elevação. Porque o homem que "dá testemunho da verdade" eleva e enaltece aquilo em que se exprime toda a dignidade humana.

3. É necessário que vejamos *todas estas cruces da nossa terra*, junto das quais está a Mãe de Jasna Góra, através do prisma desta verdade.

Estas cruces são muitas: *muitos* estão internados, encarcerados, condenados. Muitos são açoitados e ofendidos na sua dignidade humana. Muitas são as famílias e os ambientes que sofrem.

A humilhação e o despojamento são ao mesmo tempo — em Jesus Cristo — a elevação do homem na medida em que ele "dá testemunho da verdade".

Por isso, no dia da Mãe das Dores dizemos: Senhora de Jasna Góra — guia-nos ao passarmos através da cruz, obtém a paz aos irmãos aflitos, dá a vitória na verdade!

Apelo em favor do Próximo Oriente

Irmãos e Irmãs

Estou profundamente consternado com a morte de Bechir Gemayel, Presidente eleito do Líbano, causada ontem por um desumano atentado que provocou dezenas de mortos e feridos.

Associo-me com espírito de intensa oração ao sofrimento da família do Presidente, das famílias das outras vítimas, e ao luto do Líbano, que às tragédias destes últimos anos vê juntar se outra, não menos grave, na pessoa de Quem fora designado para governar os seus destinos.

A minha reprovação por um gesto de tanta ferocidade é total; lamento a vida barbaramente extinta de um homem jovem e prestigioso e dos seus colaboradores; e entristece-me, como Chefe da Catolicidade, a perda de um filho da Comunidade Maronita. O Núncio Apostólico em Beirute informou-me que num encontro tido ontem com ele, poucas horas antes do atentado, o Presidente Gemayel se aprouvera confirmar ao Representante do Papa sentir-se "um filho devoto da Igreja".

Não posso esconder, além disso, a preocupação pelas consequências que o dramático acontecimento poderia ter para o Líbano mesmo e para a atormentada região do Próximo Oriente.

Desejo aqui dirigir-me a todos os Libaneses, cristãos e não cristãos, e exortá-los, com paterna solícitude e afecto, a tirar motivo desta trágica circunstância a fim de consolidarem os seus laços, se unirem para o bem da pátria e não consentirem absolutamente que se verifiquem reacções de violência ou divisões.

O Líbano precisa de reaver serenidade e paz e a soberania sobre todo o seu território, no respeito da autoridade legal; para este fim o País necessita da colaboração leal e eficaz de todas as suas componentes étnicas e religiosas.

Nestas semanas, concluído o trágico assédio de Beirute, regista-se intenso trabalho diplomático com um aflorar de propostas para reatar as negociações e abrir o caminho a uma solução global do conflito do Próximo Oriente.

A Santa Sé segue com atentíssimo interesse estas iniciativas e aprecia todos os esforços que se fazem para favorecer o diálogo, a negociação, e chegar, finalmente, a uma composição do conflito.

Ela quer contribuir nisto com os meios que são conformes à sua natureza e missão, no plano dos princípios morais, confrontando com eles as realidades concretas, para indicar as exigências que a seu parecer deveriam estar presentes na busca das soluções pacíficas.

A Santa Sé está convencida, antes de tudo, que não poderá haver verdadeira paz sem justiça; e que não haverá justiça se não forem reconhecidos e acolhidos, de modo estável, adequado e equo, os direitos de todos os povos interessados.

Entre estes direitos, primordial e imprescindível é o da existência e da segurança num território

próprio, na salvaguarda da identidade própria de cada um.

É um dilema que se debate em forma áspera entre dois povos, o de Israel e o da Palestina, os quais viram simultânea, ou alternativamente, opugnados ou negados estes seus direitos.

O Papa e a Igreja Católica olham com simpatia e consideração para ambos estes povos, herdeiros e guardiães de tradições religiosas, históricas e culturais diversas, mas ambas ricas de valores igualmente respeitáveis.

Há meses, no *Angelus* de domingo 4 de Abril passado, ousei pôr este interrogativo preciso: É irreal, mesmo depois de tantas desilusões, desejar que um dia estes dois povos, cada um aceitando a existência e a realidade do outro, encontrem o caminho de um diálogo que os faça chegar a uma justa solução, em que ambos vivam em paz, na própria dignidade e liberdade, oferecendo mutuamente o sinal da tolerância e da reconciliação?. Hoje formulo com mais insistência a pergunta, e também confiante em que a dolorosa experiência vivida nestes meses possa apressar a resposta afirmativa das partes, encorajadas e amparadas pela solidariedade e a colaboração dos Países amigos de ambas, e abandonando todo o recurso à guerra, à violência e a todas as formas de luta armada, algumas das quais foram, no passado, particularmente impiedosas e desumanas.

No ápice deste fadigoso caminho de paz, para a reconciliação e o encontro entre povos diversos, vejo idealmente erguer-se como farol luminoso que convida à compreensão e ao amor, a Cidade Santa de Jerusalém.

É a cidade de Deus, que Ele fez objecto da sua complacência e onde revelou os grandes mistérios do seu amor pelo homem. Jerusalém pode tornar-se também a cidade do homem, na qual os crentes das três grandes religiões monoteístas — o Cristianismo, o Hebraísmo e o Islamismo — vivam em plena liberdade e igualdade com os seguidores das outras comunidades religiosas, com a reconhecida garantia de que a Cidade é património sagrado de todos para realizar as actividades que nobilitam o homem: a adoração do Deus Único, a meditação e as obras de fraternidade.

Peço ao Senhor, e convido-vos a fazê-lo comigo, que para todo o Próximo Oriente, e de modo especial para Jerusalém, para a Terra Santa e para o Líbano, em breve se tomem realidade estes anélitos e votos de paz.

Saudações

Aos peregrinos húngaros

Desejo saudar um grupo de peregrinos provenientes da Hungria, da paróquia de Etyek, diocese de Alba Reale (Székesfehérvár).

Entrego-vos à protecção de Nossa Senhora das Dores, a fim de que Ela vos conduza todos ao Senhor Jesus. Com a minha Bênção Apostólica.

Aos peregrinos eslovenos

Saúdo cordialmente um grupo de peregrinos eslovenos provenientes da Postojna, diocese de Koper, presentes entre nós com o seu pároco.

A vossa visita, caríssimos, é para mim fonte de alegria e dá-me testemunho da vossa devoção e da vossa fidelidade à santa Igreja de Deus.

Faço-vos votos por que volteis desta peregrinação para as vossas casas, espiritualmente enriquecidos, confirmados na fé, na esperança e na caridade.

A minha Bênção Apostólica vos acompanhe pelos caminhos do mundo.

Seja louvado Jesus Cristo.

Aos peregrinos de língua alemã

Uma especial saudação à grande peregrinação do "Paulinus-Blattes" da diocese de Tréveros. Alegro-me ver que sois tão numerosos, e espero que passais dias felizes na Cidade Eterna. Valha também para a vossa peregrinação aos túmulos dos Apóstolos o lema do recente "Katholikentag": "Converti-vos e acreditai. Renovai o mundo". Só uma fé viva pode garantir a vida eterna e tornar possível a renovação da vida na sociedade e na família, segundo o espírito de Cristo. Com este propósito estou junto de vós na oração e dou-vos, de coração, a Bênção Apostólica, extensiva a todos os peregrinos.

Aos peregrinos holandeses

Saúdo cordialmente todos os peregrinos de língua holandesa e em particular o grupo de peregrinos de diversas dioceses dos Países Baixos, entre os quais se encontra o grupo ecuménico de Amsterdão. Que a vossa visita a Roma e a presença nesta audiência revigorem em vós a fé e a solidariedade. Concedo de bom grado a minha Bênção Apostólica a vós e aos membros das vossas famílias que estão nos Países Baixos.

Aos peregrinos italianos

Saúdo agora com vivo afecto os Assistentes diocesanos e paroquiais da Acção Católica dos Jovens e os Vice-Assistentes diocesanos dos Jovens, reunidos em Roma para participarem em dois respectivos Congressos Nacionais.

Caros Sacerdotes, de um exame mesmo fugaz do programa, vê-se quanto o vosso trabalho destes dias é oportuno para a preparação comunitária de um novo ano de catequese e de formação dos adolescentes. O mundo sócio-cultural de hoje coloca-os em determinado contexto que vós procurais conhecer e analisar, para traçar os caminhos mais conformes a uma evangelização aberta a progressos maduros. A juventude anseia intimamente a verdade, a transcendência, a beleza moral, a alegria. Com paciência e coragem ajudais as suas nobres aspirações, acautelando-as das insídias difusas e dos perigos de uma atmosfera muitas vezes dessacralizada.

Invoco sobre o vosso empenho o auxílio copioso e regozijador do Senhor, e abençoo-vos de coração.

Dirijo uma cordial saudação ao grupo dos participantes no curso de actualização, organizado pelos Institutos Missionários italianos para Missionários e Missionárias, também para Auxiliares e Leigos, provenientes de diversas partes do mundo, de modo particular da África e da América Latina, assim como da Ásia e do Alto Canadá.

A vós, irmãos e irmãs, o meu encorajamento e a gratidão de toda a Igreja pela meritória obra de evangelização que, com exemplar dedicação, desempenhais desde há tantos anos.

Também a vós. Padres da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, que estais reunidos em Roma para um curso internacional de formação permanente, desejo dirigir uma afectuosa saudação e os votos por que este período de reflexão comunitária seja estímulo para um generoso testemunho de vida religiosa nas várias regiões do mundo, onde desempenhais o vosso apostolado, mesmo em situações muito difíceis.

Desejo também saudar com afecto o numeroso grupo da Associação Nacional dos Carabineiros do Inspectorato do Regional da Toscana, presentes com muitos Carabineiros em licença, as suas famílias, o primeiro Capelão Militar Chefe e o Inspector regional da Toscana.

Ao renovar-vos a vós membros da "Benemérita", o meu apreço, faço votos por que promovais ainda mais os vínculos da solidariedade mútua, tenhais sempre vivo o sentimento de dedicação à Pátria e à Família e deis sempre um coerente testemunho de vida cristã.

A todos a minha Bênção Apostólica.

Saúdo os jovens da Paróquia de Campagnano e de modo particular saúdo todos os jovens

presentes nesta Audiência, com votos especiais aos estudantes mais jovens que hoje iniciaram o novo ano escolar.

Caríssimos, aproveitai o dom precioso da instrução para abrir a vossa inteligência e orientar o vosso futuro empenho de homens e de cristãos para os grandes problemas da humanidade.

Na escola do Evangelho, colocai sempre Cristo no vértice dos vossos interesses e do vosso esforço de preparação para a vida.

Estou junto de vós com a minha prece, e de coração vos abençoo.

Dirijo o meu pensamento aos doentes, convidando-os, na presente celebração litúrgica da Bem-aventurada Virgem das Dores, a olharem para Maria, a qual se associou a Cristo no mistério da redenção.

Caríssimos doentes, também o vosso sofrimento, se for aceito e oferecido com generosa disponibilidade ao Senhor, torna-se instrumento de redenção para a salvação do mundo.

Recordo-vos a todos na celebração quotidiana do Divino Sacrifício, e do coração vos abençoo.

A minha saudação aos numerosos *jovens Casais*, desejando-lhes que na recíproca doação de fidelidade e de amor que prometeram um ao outro diante do altar, saibam construir dia após dia, com uma vida autenticamente cristã, a sua pequena "Igreja doméstica".

A todos concedo de coração a minha Bênção.

Copyright © Libreria Editrice Vaticana